



XVII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL
Popular e Solidária: a engenharia necessária para reconstruir o Brasil
21 a 25 de novembro de 2022
Rio de Janeiro - RJ, Brasil

Ensaio Interdisciplinar #1

Tecnologia Social e reflexões sobre a Amazônia
Paulo Maia, UFRJ, paulomaia@letras.ufrj.br
Artur Pinheiro, UFRJ, artur.lc.pinheiro@gmail.com

“nós estamos nessa luta, ainda nesse desenvolvimento, e aqui a nossa linguagem é a mesma de todos.”

“... a nossa linguagem é a mesma de todos... cada lugar tem um sotaque de carimbó, mas a essência é a mesma, essa essência ‘ela’ não muda, mas muda os modos de fazer a linguagem.”

Mestra Regina e Mestre Luís Pontes durante a transmissão da atividade Saberes do Carimbó no X FOSPA em Ananindeua, região metropolitana de Belém-PA.

RESUMO

Este trabalho traz uma pequena parte do esforço de “Amazonizar” as discussões e análises críticas a respeito da temática Amazônica, no âmbito do estudo de Tecnologia Social no Centro de Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e no Núcleo Interdisciplinar para o Desenvolvimento Social. Notadamente, sob a ótica autogestionária, participativa e colaborativa contida na proposta de investigar saberes populares na Amazônia através do Carimbó, trata-se de um estudo proposto na linha de pesquisa Trabalho e Formação Politécnica e coordenado pelo Grupo de Educação Multimídia GEM. Este artigo apresenta fragmentos de uma entrevista feita com mestres populares cantores do carimbo durante o X Fórum Social Pan-Amazônico, realizado em Belém do Pará.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologia Social. Amazônia. Sabedorias Populares. “Amazonizar”.

INTRODUÇÃO

É relevante partir da criatividade poética para aproximar debates temáticos e linguagens que possam traduzir problemas e soluções práticas, especialmente quando a ancestralidade e transmissão de saberes populares e acadêmicos convergem para o desenvolvimento social. Mestre Luís Pontes, mestra Regina e o grupo Mayaná, participaram de uma entrevista para um canal online na UFRJ. Abaixo, este artigo



XVII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL
Popular e Solidária: a engenharia necessária para reconstruir o Brasil
21 a 25 de novembro de 2022
Rio de Janeiro - RJ, Brasil

apresenta fragmentos dessa entrevista, em que foi possível conhecer com mais detalhes a cultura popular do carimbó, além de animar com a apresentação de algumas canções.

A organização deste trabalho ganha energia a partir do interesse de professores do Centro de Tecnologia da UFRJ em participar do X Fórum Social PanAmazônico (FOSPA), realizado entre os dias 28 e 31 de julho de 2022 na UFPA em Belém do Pará. Inicialmente contribuíram para esta proposta os professores Sidney Lianza, Michel Thiollent e Paulo Maia. O discente pesquisador Artur catalisou um processo de aproximação local (pela internet) com Priscila Duque, cujo ativismo promoveu a articulação e contato com Daniel Lyon, levantando as condições locais para que o Paulo Maia conectasse pessoalmente com Geraldinho, coordenador do grupo Mayaná, no esforço de pré-produção da *live* – realizada com contribuição fundamental de Ariel e Monique do NIDES. Segundo Thiollant (2016) é importante apontar a visão cooperativa como “processo dinâmico e evolutivo entre dois ou mais atores”. Assim, é válido afirmar que a atividade realizada no X FOSPA e a breve análise e discussões aqui contidas são resultados do desencadeamento de conexões artístico-culturais-educacionais, derivando neste e em eventuais novos escritos, registros e resultados ainda não evidenciados pelos protagonistas que seguem na jornada bem-sucedida para transmitir os saberes da Amazônia, inclusive através da manifestação do Carimbó e do termo “Amazonizar”.

Levando em conta as considerações e abordagem de Dagnino (2004) sobre o marco analítico em que aponta Tecnologia Social (TS) como a possibilidade de buscar e esboçar maneiras de empreender diversas construções a partir de olhar crítico, incorpora-se os aspectos culturais, sociais e políticos, visualiza-se uma maior proposição a respeito das mudanças no estilo de desenvolvimento, assim “reprojetando” os processos a partir de participação democrática, buscando atender aos diversos requisitos inerentes ao meio-ambiente, aos trabalhadores e considerando também aspectos de autogestão.

Dessa forma, é possível alcançar a visão proposta de desenvolver tecnologias sociais de fácil acesso e replicação, coproduzindo junto às populações, historicamente marginalizadas. E assim surgem questões: como garantir a realização de uma entrevista com profundidade usando uma plataforma on-line? Como aproveitar os conhecimentos dos mestres populares entrevistados em pesquisas sobre a cultura carimbozeira? Deve ser dito que a atividade com os mestres permite desenvolver uma metodologia no processo de seu planejamento e de sua realização.

ENTREVISTA

Dado o breve contexto, propõe-se, em caráter experimental, traduzir a transmissão de vídeo em texto, para que sua leitura seja uma forma de aproximar as falas de personagem locais do debate para o desenvolvimento social. Assim, é dado espaço e



XVII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL
Popular e Solidária: a engenharia necessária para reconstruir o Brasil
21 a 25 de novembro de 2022
Rio de Janeiro - RJ, Brasil

tempo de leitura de vozes pouco conhecidas em debates de suma importância a necessidade de amazonizar os fóruns acadêmicos e políticos.

A transmissão foi gravada e está disponível na internet¹, segue a decupagem transcrita do encontro em forma de boletim roteirizado:

CENA 1 – Apresentação da Atividade

PAULO MAIA – Bom dia, sou professor Paulo Maia do NIDES- UFRJ e a gente está aqui no décimo Fórum Social PanAmazônico, discutindo os destinos dos povos que vivem da floresta, ou que tiveram sua história atravessada por essa energia, por essa força, por esse afeto, por essa vontade de transformação que a Floresta Amazônica, de certo modo, desperta em todos nós! Eu tô sentindo essa energia já há dois dias, eu não conhecia o Norte e provavelmente não vou conhecer com essa viagem, mas um pouco dessa energia eu tô sentindo e tá me fazendo muito bem. A gente tá hoje aqui transmitindo diretamente de Ananindeua, de Águas Lindas, do Ponto de Cultura Mayaná! É um espaço dedicado à Cultura do Carimbó, uma expressão da Cultura Paraense. Estamos aqui com os mestres, e a gente vai também ouvir o grupo Mayaná, que também de certo modo é representado pelas novas gerações que estão aqui ouvindo, escutando e produzindo canções junto com os mestres, dando assim segmento a essa tradição. Essa atividade aconteceria no campus da UFPA, tivemos um problema de logística e transporte dos músicos e dos instrumentos, e também um problema de estrutura de som. Então a gente resolveu fazer a Transmissão diretamente aqui do Ponto de Cultura, acho até que cria um sentido original, um sentido novo, uma força nova. A universidade vai até o Ponto de Cultura no momento de escuta. Para ouvir o que a ancestralidade tem para contar para a gente em relação a essa tradição do carimbó. A gente está transmitindo diretamente para a sala da universidade, que foi reservada para a gente. Também estamos transmitindo para o mundo! Então quem tiver acesso ao link tá acompanhando com a gente a transmissão dessa conversa com o Mestres Carimbozeiros. E agora a gente vai ouvir um pouco de Carimbó e depois ouviremos os mestres para poder, de algum modo, fazer algumas perguntas, dialogar, criando assim um ambiente de conversa, um ambiente de afeto, de carinho e, de algum modo, aproveitando essa energia que a Floresta atrai sobre a gente. Eu estou aqui diretamente de Ananindeua junto com Artur Lorrain Pinheiro, que está no Rio de Janeiro. Artur é um pesquisador, meu orientando de mestrado, grande conhecedor de carimbó, eu não sei nada de carimbó, tô aqui pra aprender com os mestres, estou aqui para aprender muito com o Artur, que vai fazer algumas questões mais técnicas, que de alguma maneira exploram com profundidade a pesquisa que ele vem desenvolvendo há um tempo. As minhas perguntas inocentes de quem tá aqui pra ouvir pra escutar, e para testemunhar essa experiência de estar aqui no Ponto de Cultura Mayaná, e conversar com esses mestres que nos receberam maravilhosamente bem, a gente foi super bem recebido pelo Geraldinho, que também é o coordenador do grupo, que tá desde antes de ontem comigo acertando os detalhes e correndo atrás de cabo, resolvendo tudo para que essa live possa ser o melhor que a gente possa fazer e possa, de algum modo, abrir espaço pra jogar com o mundo para dialogar sobre o carimbó e levando para o Brasil! Fazendo acontecer alguns dos

¹ <https://www.youtube.com/watch?v=R9kFq1vGDNU&t=10s> Acesso em 11 de Setembro de 2022.
<https://www.facebook.com/ufrjnides/videos/1187045501844727/> idem.



XVII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL
Popular e Solidária: a engenharia necessária para reconstruir o Brasil
21 a 25 de novembro de 2022
Rio de Janeiro - RJ, Brasil

objetivos do Fórum Social que é “Amazonizar” o Brasil! Então vamos “Amazonizar” o Brasil, para todos nós nos reconhecermos com esse lugar que é também nosso, que faz parte da nossa identidade, da nossa cultura e agora com vocês o grupo Mayaná com o Mestre Luis Pontes e a Mestra Regina, vão se apresentar e depois a gente vai ouvi-los um pouquinho.

CENA 2 – Música ao Vivo com Sons e Cantos

Aqui houve um tempo em que o carimbó não podia tocar

Até os mestres foram os perseguidos em todo lugar

O código de postura virou lei municipal

Hoje o carimbo é patrimônio cultural

E viva o Carimbó!

CENA 3 – Conversa com Mestres

PAULO MAIA - Hoje o carimbó é patrimônio cultural brasileiro, é expressão da cultura Brasileira! De algum modo o carimbó já está cumprindo um pouco essa demanda do fórum social de fazer com que o Brasil se “Amazonize”. O carimbó já vem fazendo isso há um tempo, aí eu queria ver vocês falarem um pouquinho sobre isso sobre a história do carimbó que história é essa mestre ou mestra.

MESTRE LUÍS PONTES – Olha o carimbó, na verdade ele surgiu em localidades diferentes, em regiões do Pará diferentes, num tempo surgiu na zona do Salgado, Marapanim, Curuçá, Bragança. Por ali foi se instalando né, e aí surgiu também no Marajó, nas ilhas marajoaras, nas várias ilhas, quase todas elas, que eu saiba, tem o carimbó com uma referência cultural. E no Marajó também tem mestres que são destaque na nossa cultura, como mestre Damasceno e Mestre Diquinho e tantos outros mestres espalhados por esse Marajó afora! Até porque é um conjunto de ilhas. Então o Marajó é muito grande, uma região bem grande e vários rios que banham de água doce, muita vegetação também, preservada. Então o carimbó, segundo consta por alguns, existia já aqui o índio. O índio tinha o tronco oco que se comunicava, através do tronco que fazia aquela batida com as claves e se comunicava a longa distância. Passado o tempo pegaram os nossos irmãos pretos. E eles, lá na África, eles já usavam o couro no tambor deles lá e quando eles chegaram aqui eles depararam com a presença indígena e com o tambor sem o couro, aí pediram pra colocar o couro ali também, pra fazer um som melhor. E o índio ele tinha uma batida meio compassada, com a chegada dos irmãos pretos, a batida ela foi temperando, acelerou um pouco, ganhou um swing e a dança foi algo que se estabeleceu também como uma representatividade do carimbó, que não é só música, na verdade, para mim, Carimbó é uma filosofia de vida, porque tudo o que você possa debater você encontra no Carimbó, você encontra dentro do Carimbó a Educação, a Cultura, você encontra as questões Ambientais, você encontra as questões Sociais, inclusive alguns dos meus Carimbós que eu componho, eu procuro tá buscando esse debate para a sociedade, porque a gente precisa saber os problemas que nós temos e precisamos discutir as soluções que precisamos. Pra gente ter



XVII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL
Popular e Solidária: a engenharia necessária para reconstruir o Brasil
21 a 25 de novembro de 2022
Rio de Janeiro - RJ, Brasil

uma Amazônia feliz pra gente, ter uma Amazônia igualitária, aonde o índio não tenha mais o que ser assassinado na sua própria Terra, aonde os Quilombolas tenham o direito. Que nós, enquanto país, temos uma dívida muito grande com os Quilombolas. Porque foi aí que muito da nossa Cultura Brasileira está atrelada ao conhecimento que os irmãos pretos trouxeram da África e compartilharam conosco, então o Carimbó é algo bem distante, bem de longas datas e muitos querem afirmar que foi primeira no Marajó, que foi primeiro da Salgado e tudo mais. Mas esse é o que é o de menos importa: onde surgiu o primeiro. O que importa é que o Carimbó ele é uma ferramenta, é o nosso porta-voz, ele é a voz da Resistência Popular! O Carimbó é uma ideologia uma filosofia de vida, chega na sua extremidade ser quase uma religião, porque pra gente fazer o Carimbó, pra gente tocar o Carimbó a gente ensaia, a gente junta os irmãos, geralmente quando isso acontece é uma grande festa! O Carimbó ele nos anima ele nos alegra! Ele nos impulsiona, nos renova as nossas energias pra gente continuar a nossa peleja diária, pra gente continuar a ser vencedores nessa batalha, que a gente tem no dia a dia. Então o Carimbó pra mim ele é um movimento, ele é uma filosofia de vida, é uma ideologia. É um momento que a gente congratula os demais amigos que estão espalhados, que são muitos graças a Deus, e graças a Deus também a juventude está começando a acordar para nossa Cultura Popular! porque também surgiram muitos grupos, ao longo de 20 anos pra cá surgiram muitos grupos, principalmente aqui no município de Ananindeua, E com o movimento do Carimbó se tornar Patrimônio Imaterial Cultural Brasileiro, aí houve quase que unificação, por exemplo é no Carimbó eu fiz um Carimbó que diz assim “o Carimbó não tem intriga, o Carimbó não tem patrão, também não enche barriga nem se come com a mão” então Carimbó é nosso, é de todos nós! E agora de todo o Brasil! Qualquer brasileiro pode dizer que o carimbó é seu também! pode fazer Carimbó no Nordeste, em Santa Catarina, onde ele quiser, agora tá podendo, é nacional é oficial! Então pra mim Carimbó é isso. Entendeu? Agora eu vou passar a palavra pra mestra Regina.

PAULO MAIA - Obrigado querido, eu queria só fazer uma perguntinha para a Mestra Regina poder falar pra gente, assim como o Mestre Luís falou dessa junção entre as técnicas de escavação do Tronco Indígena e o batuque na madeira oca e o couro africano, mas também um suingue africano, então essa junção de algum modo iniciou a trajetória do Carimbó. Assim como o Mestre Luís tá falando, agora que hoje o Carimbó é uma expressão que qualquer povo com felicidade pode se apropriar e fazer algo novo, criar algo novo, então o Carimbó parece que tem essa história de vir se acumulando e se transformando, se modificando ao longo da história. O Mestre falou também dessa questão de que existe diferentes formas de Carimbó, eu queria saber um pouquinho sobre essas diferenças, diferentes sotaques de Carimbó aqui de Belém.

MESTRA REGINA - Olha nessa questão sobre a linguagem ela é ampla, porque como ele falou, em vários locais fala o Carimbó é de uma maneira, mas eu não tenho nem palavras porque é maravilhoso, cada local tem seu modo de cantar, de fazer as suas composições, e aqui Ananindeua nós estamos nessa luta, ainda nesse desenvolvimento, e aqui a nossa linguagem é a mesma de todos, sendo que a gente faz um trabalho como um diferencial na área de Ananindeua, porque eu digo que é um começo, será Mestre que eu tô falando? [sic] É um começo porque nós estamos nessa luta, onde nós temos um coletivo, que fez a junção, os mestres eram todos distantes e com o tempo nós formamos um coletivo, o Mayaná, e nós viemos passar a conhecer cada Mestre. Tem Mestre de Marapanim que mora aqui, tem Mestre de vários interiores. Então cada um faz a sua composição da sua maneira, mas a linguagem para mim é a mesma, e é maravilhoso!



XVII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL
Popular e Solidária: a engenharia necessária para reconstruir o Brasil
21 a 25 de novembro de 2022
Rio de Janeiro - RJ, Brasil

MESTRE LUÍS PONTES - Digamos assim, cada lugar tem um sotaque de carimbó mas a essência é a mesma.

MESTRA REGINA - é isso mesmo a essência é a mesma!

MESTRE LUÍS PONTES - Essa essência ela não muda, mas muda os modos de fazer a linguagem o jeito que o compositor vê aquela situação, aí ele o urbano já faz um Carimbó Urbano diferenciado, inclusive o nosso trabalho é que ele tem um pouco de urbano, porque nosso Carimbó ele não só fala das belezas naturais, ele não só fala do sabor das frutas, da gastronomia mas ele enfatiza as questões ambientais e sociais, a resistência cultural que a gente precisa tá unificado, então o coletivo, quando ele surgiu, ele chamou os Mestres e os Mestres hoje estão discutindo questões culturais num coletivo. E hoje o Mestre sobe a ideia do outro e a gente compartilha a gente chega a um denominador comum e vai pra frente. Antigamente não, eu estou lá acolá e a gente não tinha esse contato. Com isso enfraquecia o movimento, enfraquecia até a própria divulgação do trabalho dos Mestres. O Geraldo foi muito feliz porque ele fez um projeto “papo com Mestre” e esse projeto ele trouxe para a sociedade uma visibilidade dos Mestres e para o que os Mestres estavam fazendo, e como eles vivem o seu cotidiano. Então nós fizemos uma atividade no Margarida Schivasappa, que é um teatro daqui de Belém que fica lá no Centur, pra você que é de fora, falando assim fica meio vago, pois então foi lá no Centur no Margaridas Schivasappa onde o “Papo Com Mestres” foi lançado. E nesse momento lá cada Mestre cantou, cada Mestre falou um pouquinho da sua vida para a plateia e pra quem tava assistindo pela internet, como agora por exemplo. Então isso aí, tem um valor agregado muito grande, porque as pessoas estão conhecendo os Mestres e isso aproxima as pessoas dos Mestres, porque a função do Mestre é ensinar, nós estamos aqui pra compartilhar conhecimento, então a gente recebe conhecimento dos irmãos e repassa conhecimento para os irmãos e para as irmãs, então a missão é essa, que o conhecimento circule em torno de todos nós, nas nossas cabeças, a medida que ele circula, ele a traz a mensagem do Mestre. Aí a consciência clareia, surge uma luz na consciência da pessoa, então vou passar de novo pra Mestra, que foi só para complementar.

MESTRA REGINA - O senhor falou tudo a respeito da nossa linguagem. É isso! Nós temos um coletivo, graças a Deus. Aqui havia uma distância. Eu, por exemplo, comecei aqui, mas eu fazia parte do Grupo Amazônia, tocando, e eu não tinha noção de quantas pessoas, quantos Mestres faziam esse trabalho aqui Ananindeua. Mas cada um, assim, muito reservado. Quando tinha apresentação, principalmente no mês de junho, na época de São João, é que nós assistimos a apresentação de outros grupos e tínhamos um pouco de noção. Mas de um tempo para cá, graças a Deus, depois do coletivo, foi conversa dos Mestres passamos a conhecer cada Mestre, da onde ele nasceu, como foi a vivência dele desde cedo e um pouquinho de suas composições, ele foi agregando fomos juntando e hoje, graças a Deus, em Ananindeua, posso dizer que nós somos mais próximos, que realmente há um crescimento, junto dos Mestres e estamos aqui pra passar esse conhecimento, e também receber, assim como nós pensamos, nós recebemos.

MESTRE LUÍS PONTES - Até porque nós não conhecemos tudo.

MESTRA REGINA - Isso é verdade.

MESTRE LUÍS PONTES - Esse é o equilíbrio, mas o pouco que a gente pode estar recebendo de conhecimentos e estar repassando, isso aí tem um valor incalculável para todas as partes que estão envolvidas.



XVII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL
Popular e Solidária: a engenharia necessária para reconstruir o Brasil
21 a 25 de novembro de 2022
Rio de Janeiro - RJ, Brasil

PAULO MAIA - Essa relação entre Mestre e discípulo é uma relação muito intensa, vejo que a Senhora é Mestra, me parece que o Mestre é há mais tempo, então tem uma relação de respeito cordialidade entre os dois?

MESTRA REGINA – Isso!

MESTRE LUÍS PONTES - E é recíproco!

PAULO MAIA – É recíproco, exatamente. Eu percebo que existe uma cumplicidade, existe uma cumplicidade na relação, nessa relação entre Mestres e discípulos e ela faz parte, pelo que eu tô entendendo, da construção da Cultura do Carimbó.

MESTRA REGINA – É verdade!

PAULO MAIA – Vocês estavam cantando uma canção sobre o Mestre Diquinho e Damasceno, lá da ilha do Marajó, e vocês falavam de Salvaterra ao Pacoval, me parece que existe uma conexão, uma relação intensa. Eu ia pedir para vocês, de repente, pro grupo voltar fazer essa canção e a gente retorna pro segundo set pra ouvir um pouco mais vocês.

MESTRA REGINA – Isso, pode!

MESTRE LUÍS PONTES – Pois é essa canção ela data de 2019, quando o grupo Mayaná, nós estávamos em Salvaterra, aí eu compus esse Carimbó, que é uma participação também do Daniel Lyon. Então a gente colocou uma coisinha, eu disse para ele “quando eu colocar esse Carimbó em público eu vou colocar sua participação, o Carimbó é nosso, nós compomos juntos”.

PAULO MAIA – o Daniel estaria com a gente aqui hoje.

MESTRE LUÍS PONTES – É, estaria, mas teve um compromisso, teve que ir para Parauapebas participar do trabalho importante também.

PAULO MAIA – Relacionado ao Carimbó?

MESTRE LUÍS PONTES – Sim, relacionado ao Carimbó. Nós recentemente passamos três dias em Parauapebas, no Festival da Amizade. O Festival da Amizade ele reúne vários grupos aqui no estado do Pará e depois que termina o festival é escolhido qual o município vai sediar novamente. Aí quando nós voltamos nós fomos a Salvaterra. E lá nós passamos sete dias e participamos do Festival Marajoara de Cultura, cantamos, foi maravilhoso, foi um momento único! Inclusive eu tive o merecimento de encontrar com o Mestre Damasceno e cantei para ele “olha Mestre fiz uma música em sua homenagem, homenagem ao Mestre Diquinho, homenagem ao Marajó, quero cantar aqui com o senhor”. Quando terminou ele gostou, sempre com aquele sorriso, sempre com uma alegria maravilhosa. Eu costumo até dizer que ele enxerga mais a vida do que eu que estou com os dois olhos aqui abertos! Sim, vamos pra frente!

PAULO MAIA – Sim, perfeito, ótimo! Qual o nome da canção?

MESTRE LUÍS PONTES – É “De Salvaterra ao Pacoval”!

PAULO MAIA - “De Salvaterra ao Pacoval”! Então vamos ouvir o Grupo Mayaná e o Mestre Luís Pontes e Mestra Regina, apresentar pra gente “De Salvaterra ao Pacoval” e a gente volta para mais um pouquinho de diálogo após este set musical.



XVII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL
Popular e Solidária: a engenharia necessária para reconstruir o Brasil
21 a 25 de novembro de 2022
Rio de Janeiro - RJ, Brasil

MESTRE LUÍS PONTES - É isso, de "Salvaterra ao Pacoval", do Mestre do Luís Pontes e Daniel Lyon e o Grupo Mayaná.

Neste andamento, faz-se funcional dar um "corte" no roteiro, pois no momento da escrita deste ensaio foi possível perceber a necessidade de adequação técnica para alinhar o artigo dentro da linguagem e parâmetros acadêmicos, como por exemplo atender ao número máximo de 40.000 caracteres, e disponibilizar toda a transcrição ultrapassa este limite. Da decupagem exposta, foram apenas trinta minutos de conversa, de um total de quase duas horas – uma imensidão de assuntos práticos para debater.

Realmente é um desafio considerável: propor ensaios interdisciplinares a partir das sábias palavras de Mestras e Mestres de Cultura Popular, como o é Carimbó.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É evidente a riqueza trazida pela conversa amistosa e agradável, seja ela acompanhada por vídeo e som ou pela leitura da linguagem falada.

Dentre os destaques, está o encontro do Nativo com o Africano, como isso implica da construção do Curimbó e a percepção de sotaques de Carimbó, sinais de variações de ambientes, alimentação e tudo que está em volta daquelas pessoas. Também é perceptível a transformação coletiva quando o Movimento de Salvaguarda é impulsionado. Isto tudo após séculos de prática identitária e integração entre os povos Nativos e os recém-chegados na Amazônia.

O Carimbó é reconhecido pelo IPHAN (em 2014)² como Patrimônio Imaterial da Cultura Popular Brasileira, um verdadeiro encontro de três Raízes. Com origem no Tupi, a palavra Carimbó remete ao som de uma árvore oca, ou "pau que produz som" segundo o dossiê do IPHAN (2013). Na cidade de Marapanim, localizada na Região do Salgado, no Nordeste do Estado do Pará, Carimbó também é a denominação dada ao instrumento (tambor) feito em madeira oca e escavada, geralmente um tronco de Siriúba, beneficiado com couro de animais, assim como a clave que determina o ritmo típico, além da dança e de todos os festejos que unem as Raízes Indígenas, Africanas e Brancas.

O som do Carimbó Tradicional, denominado Carimbó Pau e Corda, conserva traços similares: geralmente são usados dois Curimbós onde o tocador "monta" em cima para fazer o som, junto vem Maraca, Banjo de Carimbó e instrumentos de Sopro, feitos de pau e corda. Com o advento de outros instrumentos como Sax, Clarinete, Guitarra, Baixo, e Bateria, por exemplo, a prática do ritmo passou a ser denominada como estilização do Carimbó, ou Carimbó Estilizado. Esta estilização segue em constante

² <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1052/> Acesso em 11 de Setembro de 2022.



XVII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL
Popular e Solidária: a engenharia necessária para reconstruir o Brasil
21 a 25 de novembro de 2022
Rio de Janeiro - RJ, Brasil

transformação, trazendo novas sonoridades tendo o Carimbó Pau e Corda como fonte primária.

Sendo assim, dada a peculiaridade dos processos históricos e sociais, comumente ligada aos valores simbólicos típicos de cada localidade, o Carimbó expressa uma diversidade de sotaques, estilos e narrativas, constantemente ligado a um resgate de identidade cultural e territorial. A admiração mútua chega inclusive a influenciar praticantes de outras localidades, como a relação entre as Regiões do Salgado e do Marajó, Belém e Ananindeua, Alter-do-Chão, assim como no Rio de Janeiro, São Paulo e outras cidades do mundo – mantendo a mesma essência, a mesma linguagem.

Efetivamente as comunidades tradicionais, sejam elas de regiões interioranas ou urbanas, representam parcelas menos abastadas da população. Mestras e Mestres de Carimbó geralmente possuem atividades paralelas para sua sobrevivência, destinando uma parcela do tempo para a continuidade de sua memória coletiva ancestral, assim como para a participação de festejos religiosos e comemorações locais. A atuação os mestres com o carimbó inclui também vivências e oficinas para transmissão dos saberes populares, produção artesanal, confecção de instrumentos. Eventualmente, eles também ganham destaque em apresentações artísticas e Encontros de Culturas, como dito por Mestre Regina, ao evidenciar que havia integração apenas nos festejos de julho, cenário que foi transformado pelo movimento de Salvaguarda do Carimbó.

Agora é provável imaginar que este Ensaio Interdisciplinar #1 traga estímulos para novas vivências, diálogos e transcrições que imprimam mais “palavras livres”, como as da decupagem inicial do roteiro.

Este artigo, além de refletir sobre os comentários dos mestres paraenses sobre o carimbo, também contribui para a sistematização de uma metodologia para entrevistar e divulgar o trabalho dos grupos e cantores populares que investem na perpetuação da experiência acumulada nessa expressão cultural. Sendo, assim, é imprescindível disponibilizar o conteúdo transcrito na íntegra em um link alternativo³ (ou seguir com eventuais futuros novos ensaios interdisciplinares com transcrições de saberes populares. Também há outras dificuldades de ordem acadêmica, recentemente ocorreu o Festival do Conhecimento da UFRJ, evento virtual repleto de conteúdos sobre a temática amazônica⁴, cuja conexão com *Saberes do Carimbó* vividos no X FOSPA não

³ <https://docs.google.com/document/d/1difKgeHe3uVlfeK-JCyPuWpA-XMamu4PyKk8RiFtpuY/edit?usp=sharing>

⁴ Links de transmissões do Festival do Conhecimento com aproximação temática relevante:

- Redes da Amazônia <https://bityli.com/gcWlNhV>
- Estéticas Amazônicas <https://youtu.be/rW0TkQz0R1k>
- Pan-Amazônia: o nosso engajamento ético, político, científico para a justiça social e ambiental (Pós-FOSPA) <https://youtu.be/bXgzBHQXaec>
- Comunicação Indígena na Amazônia <https://youtu.be/NudqaCnG1ws>
- Passados, Presentes e Futuros Afroindígenas <https://www.youtube.com/watch?v=740mKvrm2BQ>
- Mulheres e Saberes Negros <https://youtu.be/4aKc3IGXqZ8> - Acessos dia 13 de Setembro de 2022.



XVII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL
Popular e Solidária: a engenharia necessária para reconstruir o Brasil
21 a 25 de novembro de 2022
Rio de Janeiro - RJ, Brasil

foram evidenciados neste ensaio ou aproximados nas transmissões *online*. Notadamente Mestre Regina e Mestre Luís Pontes deram incomensurável contribuição para traduzir saberes fundamentais e nos fazer compreender um pouco mais da Temática Amazônica. Ainda sobre o Festival do Conhecimento da UFRJ, cuja proposta “do Ancestral ao Digital” destaca-se o diálogo na conferência de abertura entre a Professora Ivana Bentes e Ailton Krenak, que menciona também os Direitos da Natureza e em suas falas e transmite os pensamentos de “tradução” entre mundos e povos originários, para ressoar e repercutir, para atravessar fronteiras.

Se a proposta é promover uma maior visibilidade popular, talvez não deveríamos “cortar” as palavras ou contextualizá-las em fragmentos (no caso de ensaio em texto). No caso deste Ensaio Interdisciplinar, a transcrição é insumo para escrita acadêmica (e poderia ser o próprio texto acadêmico com links para conteúdo multimídia) traduzida através das Palavras, Imagens, Sons, Poesias e Sabedorias Populares. Seria como trazer a Poesia do Carimbó, mencionando também Mestre Verequete e Mestre Lucindo. É lembrar da dedicação do Professor Maciel, que escreveu em 1983 a sua tese de Mestrado e traduziu o Canto Caboclo do Carimbó, mais recentemente em 2018 escreveu “Curimbó Ancestral: Timbres, Vozes e Ritmos da Floresta” e “Imaginário amazônico, metáfora e oralidade no canto do poeta pescador Lucindo - O Mestre do Carimbó” publicado na revista Engrenagem, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará em 2017. E claro a dissertação de doutorado de Edilson Mateus Costa da Silva “A Invenção do Carimbó: Música Popular, Folclore e Produção Fonográfica (século XX)” no Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia publicada em 2019. Além, evidentemente, de outras tantas publicações acadêmicas e conversas práticas, contribuições que ficarão descritas na História.

Então é sugestivo imaginar a existência de pelo menos outros quatro problemas. Primeiro, mesmo que a proposta de ensaio interdisciplinar temático seja uma abertura para vozes da diversidade e periferias do debate hegemônico, há uma série de limitações por conta, também, da profundidade de referências teóricas e metodológicas, inclusive para definição de problemas acadêmicos e soluções de políticas públicas, mesmo com grande contribuição da cultura popular.

Também é possível aproximar a ótica apontada por Vasconcellos (2018) em deferência a casos emblemáticos, como a história de independência da Índia, buscando preencher as lacunas de gênero, e à incorporação mais recente do termo TS, ainda há uma considerável negligência e recorrente silêncio no que diz respeito às participações das mulheres nas principais análises críticas que constituem as relações sociais, o que pode inviabilizar ações e participações de mulheres em discussões e debates sobre estratégias e políticas públicas. Da mesma forma também ocorre no ambiente cultural do Carimbó, em determinações direcionadas ou em vetos à determinadas práticas – como quem pode tocar ‘tambor’ ou quem pode usar saia etc.



XVII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL
Popular e Solidária: a engenharia necessária para reconstruir o Brasil
21 a 25 de novembro de 2022
Rio de Janeiro - RJ, Brasil

Seguimos então com a sugestão de outros três problemas práticos: 1) a quem pertence as decisões de quem participa de projetos de geração de memória? 2) como é possível democratizar acesso aos recursos e tecnologias para empoderamento de comunidades locais? 3) como manter viva e integrar a memória de pessoas atuantes em suas comunidades locais, que tanto lutam pela transmissão de saberes tradicionais num contexto de amplos e complexos desafios?

Ou seja, é fundamental a cuidadosa observação para criação dos espaços físicos e virtuais e de tempo, entrelaçando pela liberdade contida na oralidade das personagens atuantes, para o processo de transmissão das diversas visões de consciência e uma verdadeira expansão dos olhares coletivos e, talvez, assim como indicado por Freire (1987), venham a existir mais propostas de problematização nas quais a “verdadeira organização não possa ser estimulada pelos dominadores”.

Dadas as colocações, é importante trazer a referência de Gagnebin (2006), cuja reflexão sobre os “fatos” e o que seria a “perpetuação das experiências”, é baseada no sentindo do narrador “*Benjaminiano*”. A partir deste caráter experimental, sugere a:

Impossibilidade epistemológica de tal correspondência entre discurso científico e ‘fatos’ históricos, já que estes últimos adquirem seu status de ‘fatos’ apenas por meio de um discurso que os constitui enquanto tais, nomeando-os, discernindo-os, distinguindo-os nesse magma bruto e não linguístico. (GAGNEBIN, 2006, p 40).

Nesse través, dada a experiência brasileira, é possível visualizar um paralelo real/irreal da história quando colocamos o holofote em direção à Lei de Igualdade Racial nº 12288, sancionada pela Presidência da República em 20 de julho de 2010, no sentido de parametrizar os abismos e dívidas sociais que assolam o Brasil, situação similar nas nações e países amazônicos e pelo mundo, nos territórios em que ocorrem processos de exploração, escravidão e opressão, sendo relevante, ainda, para problematizar aspectos práticos de ações educativas.

Havendo, assim, fôlego para aprofundar as análises, é possível concluir abrindo conexão dialógica entre todos nós: pessoas interessadas, em seus cotidianos, de tratar da nossa relação com o meio-ambiente, nossas culturas e nossas tecnologias para gerarmos mais soluções e acessos, democratizando processos pessoalmente e virtualmente.

Portanto, as conversas com Mestras e Mestres da Cultura, também do Carimbó, são exemplos possíveis de “Amazonizar” as conexões das ações de extensão-pesquisa-ensino voltadas para inclusão, igualdade e desenvolvimento social.



XVII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL
Popular e Solidária: a engenharia necessária para reconstruir o Brasil
21 a 25 de novembro de 2022
Rio de Janeiro - RJ, Brasil

REFERÊNCIAS

DAGNINO, Renato (org.) Tecnologia social: uma estratégia para o desenvolvimento. Rio de Janeiro: Fundação Banco do Brasil, 2004.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido, 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Lembrar escrever esquecer. São Paulo: Ed. 34, 2006.

MACIEL, Antonio Francisco de Almeida. Curimbó Ancestral: Timbres, Vozes e Ritmos da Floresta. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – IFPA – I CIIPEASA, 2018;

MACIEL, Antonio Francisco de Almeida. Imaginário amazônico, metáfora e oralidade no Canto do poeta pescador Lucindo - O Mestre do Carimbó. Engrenagem: Revista do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará - Campus Belém Ano VII - Nº 13 Belém/PA - Julho/2017;

THIOLLANT, M.; OLIVEIRA, L. (2016). Participação, cooperação, colaboração na relação dos dispositivos de investigação com a esfera da ação sob a perspectiva da pesquisa-ação. Investigação Qualitativa em Ciências Sociais. 5º Congresso Ibero-americano em Investigação qualitativa, Atas CIAIQ2016, v.3, p. 357-366;

VASCONCELLOS, Bruna et al. Tecendo conexões entre feminismo e alternativas sociotécnicas Tecendo conexões entre feminismo e alternativas sociotécnicas 2017.